

O Campo Acadêmico da Comunicação: identidade e fronteiras

ANAMARIA FADUL¹, JOSÉ MARQUES DE MELO²
E JACQUELINE RIOS³

Resumo

Diálogo entre os professores J. Marques de Melo e A. Fadul, ex-presidentes da INTERCOM, sobre a configuração do campo acadêmico da Comunicação e o papel desempenhado pela INTERCOM, no Brasil, para a sedimentação desse segmento das ciências sociais aplicadas.

Palavras-chave: Ciências da Comunicação, Comunicologia, Midiologia.

Resumen

Dialogo entre los profesores J. Marques de Melo y A. Fadul, antiguos presidentes de INERCOM sobre la configuración del campo académico de la Comunicación y e en rol que INTERCOM cumple en Brasil para la sedimentación de esse sector de las ciencias sociales aplicadas.

Palabras-clave: Ciencias de la Comunicación, Comunicologia, Mediologia.

Abstract

Dialogue between professors J. Marques de Melo e A. Fadul, former INTERCOM presidents, on the process of shaping Communication Scholarship and the role played by INTERCOM in Brasil to its consolidation as a sector of the applied social sciences.

Keywords: Communication Sciences. Communication Scholarship. Mediology.

¹ Professora-Titular e Coordenadora-Adjunta do Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESp - Universidade Metodista de São Paulo, Ex-Presidente da INTERCOM (1983-1985).

² Titular da Cátedra UNESCO de Comunicação e Diretor do Centro de Comunicação e Artes da UMESp - Universidade Metodista de São Paulo, Fundador e Ex-Presidente da INTERCOM (1977-183).

³ Mestre em Comunicação Social pela UMESp - Universidade Metodista de São Paulo, e Professora do Departamento de Comunicação Social da UMC - Universidade de Mogi das Cruzes/SP. Responsável pela transcrição e edição da presente entrevista.

Nota introdutória

O texto aqui transcrito é produto de um diálogo informal, gravado no dia 22 de março de 1998, posteriormente editado e revisto. Trata-se de uma contribuição aos debates que se realizarão em Recife, durante a sessão conjunta de encerramento do XXI Congresso Brasileiro e do IV Congresso Latinoamericano de Ciências da Comunicação, promovidos respectivamente pela INTERCOM e pela ALAIC.

José Marques de Melo: *O objetivo desta entrevista é celebrar os 20 anos de circulação ininterrupta da Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, que tem sido editada pela INTERCOM. Trata-se de um periódico científico que teve três fases bem definidas durante sua trajetória. A primeira fase é de um Boletim Mensal editado com a participação de um grupo de sócios da entidade, tendo como finalidade registrar os fatos ocorridos na comunidade acadêmica da comunicação e, ao mesmo tempo, captar indicadores do funcionamento das indústrias midiáticas do Brasil, dos embates desta indústria com o Estado, principalmente nos períodos do autoritarismo. O segundo momento da Revista foi caracterizado pela transformação do Boletim mensal em Fascículos que não tinham mais aquele caráter nitidamente informativo, assumindo um perfil de análise da conjuntura de certos fatos do universo midiático. A terceira fase da hoje **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** começou na gestão da Profa. Anamaria Fadul, como presidente da INTERCOM, que foi paulatinamente dando àqueles fascículos analíticos e interpretativos a forma atual de revista científica. Vamos conversar com a Profa. Anamaria Fadul para resgatar um pouco da trajetória da Revista e dialogar também sobre o próprio itinerário da comunidade acadêmica brasileira no âmbito das ciências da comunicação. Naturalmente vamos especular sobre a sua própria trajetória como cientista da comunicação.*

Como você avalia estes 20 anos de funcionamento do periódico através do qual a INTERCOM se comunica regularmente com os seus sócios, registrando a difusão de novos conhecimentos no âmbito midiático? Gostaria de ouvir preliminarmente o seu depoimento sobre a Revista da INTERCOM e seu próprio protagonismo nesse período.

Anamaria Fadul: Numa fase de grandes dificuldades para reunião entre professores e pesquisadores que não tinham facilidades de locomoção interna dentro de um país tão grande como o Brasil, o Boletim INTERCOM era um grande organizador, capaz de unir e saber o que estava ocorrendo. A nossa associação fortaleceu-se graças a esse primeiro esforço dos criadores e participantes do Boletim. Vejo um exemplo de protagonismo no Boletim. A Revista da INTERCOM representa uma outra fase, quando a nossa comunidade estava mais organizada e já tínhamos congressos nacionais. A fase inicial do Boletim teve sem dúvida um papel organizador muito importante.

José Marques de Melo: *Em qual momento você sentiu necessidade de fazer essa transformação, que viria a ocorrer exatamente na sua gestão como presidente da INTERCOM? Quais foram os indicadores necessários para efetuar essa mudança de um Boletim de perfil jornalístico para uma Revista de porte científico?*

Anamaria Fadul: Eu diria que essas mudanças foram ocorrendo com a própria institucionalização da INTERCOM. Ao mesmo tempo que começamos a alugar uma sede, e passamos a receber dinheiro das agências nacionais de fomento científico como a FINEP, a CAPES, o CNPq e FAPESP, percebemos a necessidade da INTERCOM possuir um perfil mais acadêmico. Já não podíamos nos comportar como um grupo de pesquisadores que tentava aglutinar-se em torno de idéias, informações e notícias.

Ocorreu uma mudança institucional da INTERCOM. Antes nós éramos somente um grupo de amigos que pensavam, estudavam e discutiam os fenômenos comunicacionais. O perfil institucional e acadêmico começa com o apoio das agências de financiamento.

Quando a INTERCOM passou a ser uma sociedade com respaldo tanto das agências nacionais quanto das internacionais, como foi o caso da IDRC, eu percebi que o Boletim era muito frágil para corresponder a este novo perfil. Ao mesmo tempo, percebi uma apresentação estética do Boletim, que dificultava a leitura.

A institucionalização da INTERCOM, com o novo perfil acadêmico, e a fraca legibilidade do Boletim constituíram-se então em indicadores para sua transformação em **Revista Brasileira de Comunicação**. O próprio nome da revista foi decidido junto com o CNPq, o que já demonstrava o vínculo entre as agências de financiamento e a INTERCOM. Eu indiquei um título para a Revista, mas foi considerado inadequado porque não representava a área e a própria identidade exigida pelas agências de financiamento.

José Marques de Melo: *Este episódio é muito interessante para a história da INTERCOM e da comunidade acadêmica da comunicação do Brasil. Você poderia fornecer mais detalhes deste momento?*

Poderíamos dizer que, na primeira fase, o Boletim foi um organizador coletivo, aglutinando sócios em torno da entidade. A segunda fase é caracterizada pela difusão do conhecimento produzido no âmbito da INTERCOM. Quando você foi ao CNPq buscar apoio para manter a Revista da INTERCOM dentro da Rede Nacional de Revistas Científicas apoiadas pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, como foi colocada essa questão da identidade da área de Comunicação?

Anamaria Fadul: Naquele momento, eu estava seduzida pela relação entre cultura e comunicação. O primeiro nome proposto pela diretoria e pelos sócios foi Revista Brasileira de Cultura e Comunicação. Um especialista do CNPq me disse que não podia ser uma revista de cultura e comunicação, mas somente uma revista de comunicação para evitar ambigüidade e pleitear o financiamento de uma revista científica.

José Marques de Melo: *Então se colocava neste momento o problema das fronteiras entre diferentes campos do conhecimento. Naquele ano de 1983, tínhamos o campo da comunicação com uma identidade no cenário internacional. Por outro lado, tínhamos a área de estudos culturais, refletindo o diálogo permanente entre os pesquisadores da comunicação e da cultura. A sugestão do CNPq, entidade responsável pela legitimação nacional das áreas do conhecimento, traduziu a necessidade de busca da identidade para todos os campos científicos emergentes. Então fica este registro como um elemento fundamental para a história do campo científico no País.*

Anamaria Fadul: Um dos argumentos levantados pelo CNPq foi a existência de outras revistas de cultura, o que não justificava o financiamento de mais uma publicação com este perfil. Por outro lado, não havia muitas verbas para o financiamento de periódicos científicos. O CNPq financiava somente revistas com identidade definida de forma clara. Não podia existir ambigüidade no título da revista.

José Marques de Melo: *Gostaria de propor uma discussão sobre outros elementos que contribuíram para que a nova geração de pesquisadores compreendesse como ocorreu o desenvolvimento da comunidade acadêmica de comunicação no Brasil. Como você chegou a esse estágio, sendo uma das mais destacadas pesquisadoras de comunicação de massa no Brasil e considerando sua formação no campo filosófico? Você fez Mestrado e Doutorado em Filosofia. Como ocorreu essa sua passagem da Filosofia para a Comunicação, ensejando uma nova identidade como pesquisadora acadêmica?*

Anamaria Fadul: É uma história interessante que trata de acasos e encontros. Venho de uma área tradicional e legitimada pela academia. O meu deslocamento para a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) não foi visto como uma vitória, mas como uma derrota. Alguém que vai para uma instituição de nível inferior à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Confesso que não fui com muita alegria. É uma história que reflete um certo acaso e uma mudança da universidade brasileira. Fui auxiliar um professor de história da filosofia na ECA e acabei sendo sua substituta devido a um acidente cardiovascular que o impediu de ministrar as aulas. Depois substitui uma outra professora de filosofia da ECA. Com seis meses, eu era a substituta desse professor, que adoeceu e nunca mais voltaria para a ECA, e desta professora que veio a falecer. Estou me referindo ao professor Livio Teixeira e à professora Lupe Cotrim.

Logo, não entrei na área de Comunicação por vontade própria. Por outro lado, eu passava por uma crise com o meu orientador, José Arthur Gianotti, que foi cassado na época. Eu mudara de orientador pela quarta vez.

Mas, nesses desencontros, eu descobri minha vocação na ECA. Hoje consigo imaginar que a minha formação filosófica, principalmente na área de filosofia

da ciência e epistemologia, tem uma grande importância quando penso a questão das identidades, das fronteiras entre as ciências humanas e Comunicação.

Estou profundamente satisfeita com essa obra do acaso que me levou à ECA. Hoje eu não me sentiria bem num departamento de filosofia. Naquela época, a minha preferência estava na área de filosofia política e econômica.

José Marques de Melo: *Como se dá exatamente essa inserção acadêmica de uma professora de filosofia, que inicialmente dava aulas de história da filosofia e estética, passando a atuar em disciplinas que embasam a formação dos comunicadores de massa (jornalistas, publicitários, radialistas, cineastas). Depois você se encaminha para uma reflexão filosófica da comunicação, trabalhando com fundamentos filosóficos da comunicação e filosofia da comunicação.*

Num terceiro momento, você abandona o seu pedestal filosófico, em certo sentido abstrato, e se dedica a objetos concretos, terra à terra, no universo da comunicação. Não se trata mais de uma mera reflexão filosófica sobre os fenômenos da comunicação. Você começa a trabalhar verdadeiramente com a análise da comunicação, valendo-se de toda bagagem teórica e metodológica sedimentada no curso de filosofia.

Você passa a mexer com estética da comunicação de massa, política da comunicação, cuja origem está provavelmente na sua paixão pela política iniciada no plano filosófico. E mais recentemente você começa a trabalhar com ficção seriada, comunicação internacional.

Como foi ocorrendo essa mudança, essa transmutação? Quais foram os elementos motivadores e a bibliografia utilizada? Em suma, como foi se preparando para esta nova atividade, considerando que num primeiro momento você não queria trabalhar na área de Comunicação? Provavelmente o preconceito formado a partir do referencial da Filosofia causou essa inibição quando você ingressou na ECA.

Anamaria Fadul: São atividades muito complexas. Eu inicio com uma disciplina do currículo mínimo: A evolução do pensamento filosófico científico. Depois começo a dar aulas de teoria da arte para os alunos de teatro, cinema.

Eu percebi que os cursos de da Faculdade de Filosofia não tinham nada a ver com a ECA, o que me obrigou a fazer um esforço muito grande para descobrir qual o interesse dos alunos.

No curso de teoria da arte, comecei a trabalhar com Sartre, teorias da literatura e assuntos que não interessavam aos alunos. Tive então que interromper a primeira aula para perguntar aos alunos o que mais lhes interessava.

Passamos a trabalhar com o conceito de nacionalismo na obra de Mário de Andrade. Os alunos amaram o curso. Tive que mudar o programa de um curso, porque os alunos não estavam interessados em saber se as artes eram paralelas, não queriam um curso teórico de estética.

Na época, eu começava a dar aulas sem ter completado o Mestrado. Estava no meu segundo ano de pós-graduação. Entrei para o curso em 1968 e fui para a ECA em 1969, o que significava uma certa prematuridade.

Hoje os professores entram em salas de aula com um pouco mais de base. Mas a minha boa formação filosófica me permitiu entender um determinado problema, um determinado tema. O curso de estética e comunicação de massa foi mais fácil, porque tinha uma bibliografia definida. Era a época de Marcuse, considerado o grande autor do pós-68.

Foi uma fase relativamente tranqüila depois destes conturbados anos iniciais de 69 e 70, quando ministrei aulas de evolução das idéias, teoria da arte, fundamentos filosóficos e filosofia da comunicação.

Dentro da filosofia da comunicação ou a partir dos seus fundamentos filosóficos, eu reconstitui a minha obliquação na ECA. Desenvolvi o ensino da filosofia na ECA a partir principalmente da Escola de Frankfurt, com Benjamin, Adorno, Brecht. Depois recorri a Gramsci. No período de 1969 a 1980, fiquei afastada quase completamente da vida acadêmica por cinco anos devido a um problema de saúde.

Ou seja, de 69 a 75, eu estava me preparando para fazer um Doutorado nos Estados Unidos. Em 1975, eu interrompo e só retorno em 1980 quando estava restabelecida. Na realidade, o meu tempo de formação para a docência na ECA foi muito curto e conturbado, sem qualquer orientação.

A minha boa formação na Faculdade de Filosofia permitiu que eu não me perdesse durante essa trajetória, sem orientador. As duas variáveis mais importantes para as minhas aulas e pesquisas eram a política e a estética. Eu nunca pensei em comunicação, mas em meios de comunicação de massa (MCM).

Durante toda a minha tese, você caçava bastante, referindo-se aos MCM como a representação do numeral romano 1900. Eu sempre pensei em meios de comunicação de massa como a fotografia, o cinema, o rádio e a televisão. Eu havia tentado chegar ao mesmo tempo a uma dimensão política e estética. Até quando a fotografia poderia ter uma dimensão estética, ser considerada como uma forma artística e ter um papel político?

Nos anos 80, passei a dar aulas de estética dos meios de comunicação de massa, o que representou o final deste percurso, com a conclusão do Doutorado. Aos poucos, vou abandonando o meu referencial filosófico para me aproximar efetivamente da área de Comunicação.

José Marques de Melo: *Antes de registrar sua análise sobre o cenário nacional e internacional da comunicação, quero insistir num ponto. Gostaria que você falasse mais sobre a sua passagem intelectual da Filosofia para a Comunicação. A sua tese de Mestrado sobre Locke abordava ainda um objeto nitidamente filosófico, o que significava um comprometimento com a Filosofia embora você já estivesse na ECA. A sua tese de Doutorado também se desenvolveu no departamento de Filosofia com a mesma orientadora do Mestrado, Professora Maria Sílvia Carvalho Franco. Eu gostaria que você explicasse esse deslocamento de um objeto da Filosofia Política para um objeto da Filosofia da Comunicação.*

Na verdade, sua tese de Doutorado já estava ancorada no universo dos meios de comunicação de massa. Como você convenceu o Departamento de Filosofia da USP a aceitar este objeto? Como você se sentiu contribuindo para sedimentar um novo campo científico no Brasil?

Anamaria Fadul: Quando entrei na ECA, passei a me sentir muito ignorante e incompetente. Lembro-me que, ao participar de um congresso da ABI do Rio de Janeiro, em 1970, fiquei impressionada com a minha ignorância comunicacional ou midiática.

Fiquei muito interessada em conhecer aqueles profissionais da comunicação. Eu estava acostumada a conviver com filósofos e professores da filosofia. Fiz cursos com os famosos filósofos franceses.

De repente eu estava envolvida com novos profissionais e acadêmicos. Cheguei até a querer mudar o tema da minha tese, mas a minha orientadora não permitiu. Eu queria abandonar o meu objeto anterior, a análise da dimensão política e econômica do pensamento de Locke. Eu estava trabalhando com uma obra datada da Revolução de 1688. Eu queria abandonar este objeto para analisar a questão da arte popular. A minha orientadora ficou indignadíssima e horrorizada com minha atitude.

Então, o Mestrado sobre Locke foi feito na Filosofia enquanto eu dava aulas na ECA sobre Marcuse, Adorno etc. Eu estava muito interessada pela dimensão do massivo e do popular. Na época, eu viajei para o Vale do Paraíba e fiquei muito encantada com o trabalho dos artistas populares.

Me impressionava ver uma arte ligada ao meio rural, como o artesanato de Taubaté, e uma arte ligada ao mundo urbano, como a televisão, fotografia e o cinema. Eu vivia em conflitos por dar aulas sobre uma coisa, querer estudar outra coisa e fazer uma tese de algo completamente diferente.

Comecei minha pós-graduação com a Profa. Gilda de Melo e Souza quando eu pensei em fazer uma tese sobre estética. No curso de Doutorado, eu já me definia na área dos meios de comunicação de massa, mas pensando-os sob uma perspectiva da estética.

Qual a dimensão artística e estética dos meios de comunicação de massa? Era necessário partir de um outro referencial para compreender esses meios de comunicação?

É claro que a minha tese de Doutorado tinha ainda um referencial filosófico, combinado com os teóricos da literatura. Diga-se de passagem que eu estava muito mais próxima dos filósofos franceses e alemães do que dos americanos.

Basicamente o referencial da minha tese era europeu. A minha tese tinha um referencial teórico da Europa devido à formação filosófica da Faculdade de Filosofia, que estava completamente distante do pensamento filosófico norte-americano.

A minha tese refletia o pano de fundo do pensamento europeu e Sartre era o grande autor que me influenciou pela dimensão política da arte. Eu sempre oscilava entre a dimensão política e artística. Eu tentava pensar o que seria uma possível teoria dos meios de comunicação de massa, confrontando com o discurso da filosofia, da sociologia e da antropologia

que consideravam os meios de comunicação de massa como puras formas de manipulação das consciências e como dominação cultural.

Quando eu estudava Locke, passava a conhecer os autores mercantilistas como Adam Smith, Ricardo. A minha tese foi uma tentativa de entender a genealogia da economia política de Marx.

Trata-se de uma carreira conturbada. Se existir uma linha capaz de traçar minha carreira, fica a minha preocupação com a questão do massivo, do popular, da política e economia. Nunca me limitei puramente à questão epistemológica, filosófica e formalista.

Uma das características da minha pesquisa é o fundamento histórico, a partir da dimensão da arte, política e economia. A minha maior ênfase era a interrelação entre o II Tratado do Governo Civil de John Locke e a Revolução de 1688. Eu buscava entender como essa obra fora feita para defender um determinado acontecimento político.

Eu pensava na Inglaterra do século XVII, numa revolução política, num determinado regime econômico. Já era enorme a minha necessidade de pensar o concreto. Isso foi potencializado mais adiante, quando me dediquei à teoria dos meios de comunicação de massa a partir da história da fotografia, do cinema, do rádio e da TV. Como as novas tecnologias chegavam, impondo-se como comércio, indústria, mas a partir de elementos culturais e estéticos?

José Marques de Melo: *Em sua tese de Doutorado, você já identifica uma variedade de suportes tecnológicos: imprensa, fotografia, rádio, cinema e televisão. Ao mesmo tempo, você compreende essa questão a partir de uma perspectiva da economia e do mercantilismo.*

Gostaria que você refletisse sobre sua inserção numa escola de comunicação - a ECA-USP - que começa como Escola de Comunicações Culturais e depois se amplia para Escola de Comunicação e Artes, incluindo os cursos de teatro, biblioteconomia e documentação, relações públicas, rádio e televisão, cinema, artes plásticas, música e turismo.

Como você se relacionou com campos profissionais bem definidos, pois a ECA sempre teve um caráter nitidamente profissional? Seus cursos eram profissionalizantes. Ou seja, você estava num departamento que procurava embasar a formação dos comunicadores. Como você se relacionou com este universo multivariado, de diferentes profissões e campos da comunicação de massa, convivendo com cientistas da história, sociologia, psicologia, antropologia.

Qual o balanço de sua formação embasadora dos comunicadores sociais, terminando o seu doutorado e passando a produzir conhecimento comunicacional, orientando outras teses?

Anamaria Fadul: Eu sentia uma fascinação pelo mundo das práticas profissionais da comunicação, pois vinha de uma Faculdade que tinha uma relação muito tênue com o mercado de trabalho. Nós éramos formados para ser professores de filosofia. Quando eu fui para a ECA, fiquei fascinada

e estupefacta ao perceber que a relação com o real era muito concreta. Era uma escola de profissões definidas e delimitadas.

Foi um pouco difícil me posicionar nesse universo, respondendo às inquietações dos alunos. Nunca vou me esquecer do questionamento de um aluno, após uma aula sobre o pensamento da Escola de Frankfurt. Ele queria saber "o que fazer com isso", ou seja, o que fazer com a questão da manipulação dos meios de comunicação de massa, pois era justamente o seu espaço de trabalho.

Foi uma situação que me deixou sem saber como responder. Há perguntas de alunos que incomodam profundamente um professor, proporcionando instantes de mudança e inquietação. Depois desta pergunta nunca mais fui a mesma professora. Acho que o meu doutorado significou a busca da resposta à pergunta daquele aluno.

Lembro-me até hoje deste aluno, que estava sentado numa cadeira da primeira ou segunda fileira, demonstrando muita angústia e inquietação pela necessidade de saber o que fazer com o conceito de "indústria cultural". Terminei o meu Doutorado achando que havia brechas e possibilidades de trabalhar na indústria cultural. Passei a ensinar o aluno a trabalhar na indústria da cultura, pois não adiantava apenas denunciar a manipulação dos meios de comunicação de massa.

Fui muito criticada por adotar uma postura contrária à acusação pura da manipulação da indústria cultural. Parece que a situação não mudou muito

José Marques de Melo: *A teoria das brechas foi sem dúvida uma singularidade brasileira ou, como se dizia na época, uma "sacação" brasileira para responder às questões levantadas, por exemplo, por seu aluno. Aquela visão pessimista da Escola de Frankfurt correspondia na verdade à interpretação de um fenômeno emergente na sociedade alemã no período nazista.*

Essa visão transportada para outros contextos e realidades não soava com a mesma intensidade e o mesmo significado original. O período das brechas foi uma das suas contribuições. Você ultrapassou em sua tese o frankfurtianismo simplório que vicejou muitas vezes no Brasil. Você deu um passo adiante, mostrando uma saída para esse fenômeno da indústria cultural e da indústria da consciência.

Recordo-me que você foi a primeira presidente da INTERCOM que fez um trabalho de internacionalização da comunidade acadêmica. Essa preocupação sempre esteve presente desde a fundação da INTERCOM. Quando criamos a INTERCOM, nós tínhamos a certeza de que não podíamos avançar sem constituir uma comunidade nacional inserida na comunidade internacional. Mas as dificuldades ainda eram enormes, porque estávamos no período da anistia política, de reconquista da força da sociedade civil.

Você contribuiu muito para este diálogo internacional, representando a INTERCOM nos congressos da AIERI e, ao mesmo tempo, participando de alguns fóruns latino-americanos. Gostaria de saber como ocorreu esse diálogo, sobretudo com Jesus Martín Barbero e outros pesquisadores latino-

americanos que, a partir da teoria das brechas, passaram a se interessar pela indústria cultural brasileira.

Anamaria Fadul: Todas as questões das brechas e possibilidades de ação alternativa estão em minha tese de doutorado. Existiam exemplos de meios de comunicação de massa que foram utilizados com outra dimensão artística e revolucionária.

Mas, para pensar a realidade do Brasil, era necessário uma grande adaptação, pois eu trabalhava basicamente com o referencial europeu. O mais importante de minha tese de doutorado foi a dimensão de que uma possível estética dos meios de comunicação de massa não seria uma estética da produção, mas uma estética da recepção.

Pensar uma estética possível era necessário pensar uma estética da recepção. Fiz uma adaptação do meu embasamento com os autores alemães. Adotei a idéia de que existe experiência artística na recepção para pensar que existe também experiência política na recepção.

Quando encontrei-me com Barbero, percebemos que pensávamos a recepção como atividade descartando a pura passividade. Foi um encontro de dois pensamentos originários da Filosofia. Eu tinha uma fixação por Benjamin e Gramsci, que não eram conhecidos por Barbero.

Barbero passou a se interessar por Benjamin. Então em 1982 começa um diálogo muito produtivo e interessante com Barbero. Eu senti que não estava sozinha.

Eu vinha de uma área filosófica sem muito diálogo na academia. No Brasil, o meu diálogo ocorria com os teóricos e profissionais da comunicação, que tinham experiência prática com você, Carlos Eduardo Lins da Silva e outros jornalistas, publicitários, videoastas, cineastas etc. São profissionais que refletiam teoricamente sobre a prática. Por outro lado, eu refletia teoricamente sobre uma prática profissional que eu não tinha. A questão da estética da recepção trazia uma possibilidade de pensar a partir do receptor. De um lado, a recepção não era pura passividade. De outro lado, havia realmente espaços de ação dentro da própria indústria cultural.

A INTERCOM tinha uma imagem no exterior muito maior do que era na realidade. De certa forma, a América Latina dá uma dimensão extremamente importante para a INTERCOM. A comunidade acadêmica latino-americana passa a ver a INTERCOM como sua interlocutora privilegiada no Brasil, a ponto de manter um diálogo constante. A partir de 1982, passamos a ter uma presença enorme de pensadores latinoamericanos em todos os fóruns internacionais.

José Marques de Melo: *Gostaria de propor-lhe uma análise comparativa. Jesus Martín Barbero é um dos pesquisadores que ganharam projeção no Brasil e exterior. Você foi a introdutora de Barbero no Brasil, trazendo as primeiras leituras de seus textos.*

Do início dos anos 80 ao final dos anos 90, vejo você e Barbero saindo da Filosofia e desenvolvendo caminhos paralelos, mas apresentando pontos

diferentes. Vejo você se aproximando cada vez mais dos estudos midiáticos enquanto Barbero encaminhou-se para o âmbito dos estudos culturais. Como você interpreta essas duas trajetórias marcadas pelo estudo dos mesmos objetos, mas trilhando caminhos diferentes?

Anamaria Fadul: Nesta fase, eu me aproximei das associações internacionais, especialmente a AIERI, e do pensamento norte-americano. Comecei a perceber uma organização do campo da comunicação, que se traduzia em áreas de conhecimento de longa tradição como a Comunicação Internacional, Ética na Comunicação, Direito da Informação e tantas outras. Na década de 80, começo a me preocupar com a dimensão científica do campo da comunicação.

Como se constituía esse campo? Como se constituíam as diferentes ciências a partir da filosofia? Como se constituíam as diferentes áreas da comunicação a partir das ciências sociais e da história das humanidades? A minha grande preocupação era saber como se organizavam esses diferentes conhecimentos das práticas comunicacionais. Como se organizava a ética no jornalismo, no cinema etc.

Dáí surge a minha compreensão do mercado de trabalho, formando um profissional capaz de respeitar a história cultural e profissional da comunicação. Ao lado da formação humanística, existia uma formação específica que estava exatamente nas disciplinas puramente comunicacionais como a Teoria da Comunicação, Comunicação Comparada, Comunicação para o Desenvolvimento.

Trata-se de uma série de disciplinas que nunca foram implantadas em meu departamento na ECA - o departamento de comunicações e artes -, porque havia uma subordinação da área de comunicação às ciências já constituídas como Sociologia, Antropologia, Ciências Políticas, História.

Acho que havia um receio, na ECA, de entrar para um terreno desconhecido, áreas emergentes do conhecimento. Além da filosofia, todo o trabalho de Barbero embasou-se na história cultural, pensando a evolução do massivo e do popular. O verdadeiro laboratório para Barbero era a história.

Eu me preocupava com a adequação cultural, humanística e específica dos alunos das escolas de comunicações. Cada vez mais eu me afastava da formação cultural e me aproximava da formação específica. Qual era a minha contribuição para formar um aluno para a redação? Quais os saberes específicos para essa formação?

Não são conhecimentos da Ciência Social que formam o aluno para o estudo de TV, a redação. Aqui então está o grande distanciamento entre o meu pensamento e o de Barbero, que se preocupa mais com a formação cultural.

José Marques de Melo: *Gostaria que você resgatasse um pouco sua passagem do referencial analítico da Filosofia para o uso do instrumental empírico, que já está constituído nas Ciências Humanas. Isso ocorreu em sua tese de Livre-Docência.*

Você teve uma trajetória caracterizada pela reflexão dos fenômenos comunicacionais. Em sua tese de Livre-Docência, você faz o seu primeiro trabalho empírico, com um objeto concreto.

A partir da análise de um jornal você sistematizou e chegou a uma série de generalizações. Você deixava de ser a filósofa da comunicação para se converter numa pesquisadora empírica. Como ocorreu isto?

De que maneira esse terceiro momento de sua trajetória intelectual foi importante para formar a pesquisadora de comunicação de massa que você é hoje?

Anamaria Fadul: A minha Livre-Docência ocorreu em 1986, o que significa seis anos após o meu doutorado. Na Livre-Docência, eu utilizei todo o instrumental teórico de minha tese de doutorado para uma teoria dos meios e uma concepção das políticas de comunicações das diferentes organizações da sociedade civil.

Eu havia tentado mostrar no Doutorado a possibilidade de um uso diferente dos meios. Depois eu escolhi um jornal de uma determinada organização da sociedade civil - a Igreja Católica - para mostrar que os meios podiam ser utilizados numa outra dimensão.

Eu fiz uma análise capaz de mostrar que a visão do jornal sobre comunicação e arte era extremamente tradicional, reconhecendo somente as artes já legitimadas pela cultura. O jornal privilegiava exatamente aquelas artes (literatura, poesia, cinema e teatro) legitimadas de forma hierárquica pela academia.

Encontrei em seis anos de jornal (1979-1985) apenas duas matérias sobre rádio e nenhuma sobre TV. Percebi que existia uma brecha para se trabalhar dentro de um órgão como *O São Paulo*. Comecei a estudar quando a censura desaparece do jornal em 1979.

Como isso era pouco utilizado por uma instituição tão importante como a Igreja Católica. De certa forma eu constituo todo meu referencial teórico do Doutorado. Na Livre-Docência, vou tentar ver concreta e empiricamente o que uma organização fazia com a cultura e a comunicação. Como era a sua política de comunicação, cultura e artes?

Percebi que a Igreja era uma instituição letrada, que transpunha para um meio massivo - o jornal de grandes tiragens - as mesmas propostas e concepções utilizadas para observar outras dimensões da cultura. Fiquei fascinada em fazer um trabalho empírico com hipóteses que se confirmaram. Repito: a Igreja era uma instituição letrada que reproduzia num meio de comunicação de massa as suas concepções apresentadas em outros domínios. Não havia reconhecimento de que o jornal devia ter um outro relacionamento com o seu público-leitor. Fiquei seduzida pela pesquisa empírica, que trouxe mais certeza, mostrando um caminho a percorrer.

José Marques de Melo: *Depois de sua tese de Livre-Docência e de seu caminho pelo empirismo, você trabalhou com a política de comunicação. Inicialmente você se debruça sobre as políticas de comunicação e cultura*

da Igreja Católica. Depois, seu Pós-Doutorado na Itália, privilegia o estudo das políticas de comunicação do Estado, a comunicação política dos partidos da Itália. Tais análises ensinaram um arcabouço que embasou o acesso ao cargo de professora titular de comunicação na USP.

Gostaria que você refletisse então sobre essa combinação de sua carreira docente. Você veio do Mestrado com Locke, do Doutorado com os frankfurtianos e filósofos modernos. Você se ancorou em Benjamin e Gramsci, que ajudaram a ler o discurso da Igreja Católica no Estado de São Paulo. Como você chegou à comunicação política, examinando os sistemas de comunicação na Itália contemporânea?

Anamaria Fadul: A minha fascinação pela questão da comunicação dos partidos políticos italianos surgiu de um seminário em Barcelona (1982), quando eu conheci pesquisadores italianos, que estavam desenvolvendo este tipo de pensamento.

Ou seja, como os partidos políticos estavam pensando a política na Itália. Quais eram as mudanças e os conflitos entre partidos políticos e meios de comunicação de massa?

A partir do conhecimento destes pesquisadores italianos como Giuseppe Vacca, Roberto Grande, Mauro Wolf e Carlo Marletti, encontrados em Barcelona, passei a me interessar em 1988 e 1990 pelos partidos políticos italianos, ancorados na sociedade civil, ao contrário dos partidos brasileiros que não tinha essa relação tão orgânica na sociedade brasileira.

Eu queria entender como um partido chegava a ter jornais de massa, rádios, televisões. Os três maiores partidos italianos tinham o controle das três redes de televisão aberta. Tratava-se de um caso único na Europa Ocidental. Os partidos italianos se sobrepunham a todas as instituições a ponto de se considerar um sistema que sofria de uma espécie de atrofia. Ou seja, os partidos políticos tinham um extra-poder.

Essa realidade me mostrou a importância de se compreender uma determinada situação a partir de sua origem histórica. Enfrentei grandes dificuldades para estudar a política de comunicação dos três maiores partidos políticos italianos - Partido da Democracia Cristã, Partido Comunista Italiano e Partido Socialista Italiano.

José Marques de Melo: *Se a gente tivesse que caracterizar sua trajetória intelectual no campo da comunicação, poderia dizer que você vem da filosofia e durante duas décadas analisa sempre a comunicação nas fronteiras da política, economia, arte e literatura.*

Em suma, você está sempre analisando as interfaces da comunicação com diferentes dimensões da vida cotidiana a partir do instrumental teórico e metodológico destas ciências. A sua produção intelectual dos anos 90 abandonou essa observação das fronteiras e se pôs no coração da comunicação de massa.

Durante estes anos, você trabalhou com a ficção televisiva e seriada, ou seja, a produção industrial da comunicação audiovisual. Você organizou o

núcleo de estudos de telenovela da ECA-USP e dedicou-se também à criação de um instrumental de documentação para formar novos pesquisadores. Trata-se de uma trajetória que parte das fronteiras da comunicação para ajudar a construir a identidade comunicacional no Brasil. O que você comenta sobre isso?

Anamaria Fadul: O meu encaminhamento da filosofia para o âmbito específico do campo da comunicação ocorre em contraposição ao seu pensamento, José Marques. Você questionava muito a minha ligação com os frankfurtianos. Você me desafiava muito.

Eu sofri muito a influência de sua paixão pela constituição de um campo acadêmico específico para a comunicação no Brasil. Em 1987, o concurso de comunicação comparada na ECA me levou à aproximação com uma área segmentada de comunicação. Esse concurso já sinalizava para a área de comunicação internacional.

Quando eu voltei da Itália, você propôs em 1992 a criação do núcleo de pesquisa de telenovela. A idéia da criação não foi minha. Eu simplesmente implanto sua proposta. Enquanto diretor da ECA-USP, você teve a grande sacada de propor um núcleo de estudo de telenovela. Percebi que era uma grande oportunidade para se criar um núcleo específico e inovador na ECA.

Neste momento, eu entrava completamente na área de comunicação, estudando um processo de produção de telenovela e ficção seriada. Eu nunca havia aprofundado estudos dentro de uma prática profissional.

É o momento que quero conhecer quais são as condições de produção da ficção televisiva seriada. Na ECA, havia uma grande ambigüidade em relação às disciplinas. Eu entrei completamente nessa área de comunicação comparada e comunicação televisiva seriada.

Na UMESP - Universidade Metodista de São Paulo -, desde o ano passado, quando me aposentei na USP, a minha inserção ficou cada vez maior, pois abandonei as disciplinas que não estavam completamente ligadas à área de comunicação. Os dois grandes momentos da década de 90 são o núcleo de pesquisa de telenovela, onde passo a estudar a produção televisiva seriada, e agora minha inserção na Universidade Metodista. Você sempre me provocava e desafiava para as mudanças. Acho que hoje estamos do mesmo lado. Falamos a mesma linguagem. Usamos os mesmos conceitos. O que não me impede de continuar divergindo e crescendo.

José Marques de Melo: *Você tem uma trajetória intelectual vinculada à ECA-USP, aposentando-se em 1996 e culminando um processo nesta escola. Em outubro do mesmo ano, você se incorpora ao corpo docente da UMESP, onde passa a situar na plataforma dos estudos midiáticos e a optar pela comunicação internacional.*

Digamos que é o seu novo perfil de pesquisadora de comunicação. Do ponto de vista biográfico, estamos diante de uma pesquisadora que se identifica plenamente com o campo. Você desenvolve estudos que dialogam

internacionalmente com os grupos de pesquisadores envolvidos com a economia das comunicações, os processos de globalização e regionalização. Ao mesmo tempo, você ajuda a construir no Brasil um segmento do conhecimento midiático que sinaliza para a formação de novos profissionais diplomatas da comunicação, analistas e estrategistas de políticas de comunicação, potencializando a presença do Brasil no mercado mundial da mídia.

Sem dúvida o Brasil se converteu nos anos 90 num país exportador de cultura audiovisual. Do ponto de vista do aparato do Estado e das relações comerciais, faltam estrategistas capazes de interpretar esse processo.

Nos EUA, há toda uma tradição na formação de comunicadores internacionais. Gostaria de propor agora para concluir nosso diálogo uma reflexão mais geral sobre o próprio campo da comunicação enquanto campo acadêmico no Brasil e exterior.

Como você vê esse campo que existe desde 1690 quando se fazem os primeiros estudos sobre jornalismo na Alemanha. Mas sem dúvida no século 20 ocorre a legitimidade do campo nas universidades européias, principalmente na Alemanha, França e EUA.

A partir do fim da II Guerra Mundial o campo da comunicação é reconhecido academicamente. Antes era um campo profissional. Em meados dos anos 40, criam-se os primeiros institutos de comunicação de massa nas universidades norte-americanas.

O prof. Wilbur Schramm desenvolveu uma pesquisa midiática no sentido globalizante em relação às diferentes disciplinas que integram o campo. Como você avalia esse meio século de conhecimento comunicacional no plano internacional e brasileiro?

Anamaria Fadul: Eu estou muito convencida que a identidade do campo passa antes de mais nada pela questão da história, teoria dos meios de comunicação de massa e uma reflexão rigorosa sobre as questões metodológicas.

Acho que a transformação do nosso campo em um segmento com legitimidade acadêmica no Brasil vai ocorrer a partir do momento em que nós fortalecermos nossas áreas. Estamos muito atrasados do ponto de vista acadêmico nos estudos de comunicação.

Não existe ainda a legitimidade diante da academia. Nem as agências de fomento à pesquisa reconhecem a autonomia da área. Os nossos consultores para projetos de comunicação nem sempre são da nossa área.

Não existe uma comunidade acadêmica identificada somente como sendo da área de comunicação. A comunidade acadêmica que avalia os nossos projetos é formada por sociólogos, antropólogos, cientistas políticos e demógrafos.

Nós temos que trabalhar muito ainda para a constituição da identidade. Acho que a identidade passa pela forte ênfase na questão da história. A França constituiu seu campo de conhecimento estudando profundamente a história da imprensa.

Antes de se ter uma teoria da imprensa deve-se ter uma história da imprensa. Antes de se ter uma teoria do jornalismo brasileiro, deve-se ter uma história da imprensa brasileira. As áreas que possuem identidade constituem-se a partir da história.

Nós temos história e teoria do cinema brasileiro. Mas será que temos a história do rádio e da televisão brasileira? Não se compara com a história do cinema brasileira, mais sedimentada e reconstituída. Sem um profundo esforço de fortalecimento da história dos meios de comunicação no Brasil, acho que todos os outros esforços são frágeis.

Nos EUA, há um profundo conhecimento sobre a história da imprensa. No Brasil, a história da imprensa é conhecida pelos depoimentos dos profissionais, que ainda estão vivos. No caso do jornalismo, já deveria existir uma história mais profunda. É preciso pensar uma metodologia da pesquisa em comunicação.

Essa é a nossa grande tarefa. Transformar e desenvolver pesquisadores das ciências sociais em pesquisadores da comunicação, passar pelo exercício da pesquisa em história da comunicação.

José Marques de Melo: *O próprio congresso da INTERCOM, em Recife, vai discutir a questão das fronteiras das ciências da comunicação. Você chama a atenção para ações a curto prazo como a metodologia. Talvez a história deva ser a longo prazo, porque implica na reconstituição do acervo documental e num levantamento exaustivo e internacional.*

Gostaria de ressaltar que sua proposta reflete a própria dinâmica do conhecimento comunicacional brasileiro. Estamos comemorando o centenário do nascimento de Carlos Rizzini, que foi sem dúvida o pioneiro da pesquisa midiológica brasileira.

Tenho mostrado o papel de Barbosa Lima Sobrinho, que foi um precursor deste campo. Os estudos modernos de comunicação de massa no Brasil têm Carlos Rizzini como um protagonista privilegiado; um jornalista que se converteu em historiador, fazendo o primeiro inventário crítico do desenvolvimento da mídia impressa no Brasil com o livro O Jornal e a Tipografia no Brasil.

Rizzini reconstituiu a trajetória intelectual daquele que foi o nosso jornalista paradigmático: Hipólito José da Costa. Ele escreveu dois livros fundamentais. Um livro panorâmico analisa o desenvolvimento da mídia impressa no Brasil. O outro livro busca compreender a gênese e a ação de Hipólito José da Costa.

A partir disso gostaria que você fizesse uma consideração final para as novas gerações de alunos dos quase 20 cursos de Pós-Graduação e dos mais de 300 cursos de graduação instalados nas universidades brasileiras nos últimos anos.

Anamaria Fadul: Eu chamaria a atenção dos estudantes de comunicação para a história da prática profissional, que não é uma temática menor. Nós temos que ter profundo respeito pelas práticas profissionais. Não dá para

continuar com esse enorme complexo de inferioridade de que fazer rádio e jornal é uma atividade meramente comercial.

Acho que é uma prática tão importante quanto trabalhar num partido político, como ser líder comunitário ou político. Não vejo diferença entre um profissional da comunicação e qualquer outro profissional da sociedade civil. A minha questão seria o conhecimento do trabalho dos profissionais da comunicação, passando do conhecimento empírico ao conhecimento teórico.

Refletir sobre uma prática profissional é refletir sobre um determinado campo do conhecimento que se traduz por uma prática profissional. Não devemos ter vergonha de estudar os meios de comunicação de massa, imaginando que se esteja fazendo uma história das banalidades, uma história menor, uma história da técnica.

Pensar uma história dos meios de comunicação de massa no Brasil é pensar efetivamente uma história do próprio país. Rizzini, ao mesmo tempo que estuda o jornal e a tipografia no Brasil, pesquisa o pensamento de um jornalista, tendo como pano de fundo a história da imprensa. Depois que Rizzini estudou a história da imprensa e tipografia, passou a estudar o jornalismo no Brasil.

Quem é esse primeiro jornalista? O que ele pensa do jornalismo? Aqui está a articulação entre história e teoria. Então, compreender o pensamento de Barbosa Lima Sobrinho e Hipólito da Costa, por exemplo, é tão importante quanto estudar a história de um político ou estadista qualquer.

José Marques de Melo: *Provavelmente os leitores da Revista Brasileira de Ciências da Comunicação terão curiosidade de saber quais são os temas com os quais você está trabalhando hoje. Você já aponta para a próxima década. O que você está desenvolvendo com os seus alunos? Quais são as suas preocupações e os seus objetos de estudo? Os leitores poderão até interagir com você nos próximos anos?*

Anamaria Fadul: Dentro dessa trajetória que vem da comunicação política para a comunicação comparada e comunicação internacional, eu estou muito interessada no fluxo internacional da informação e da comunicação num momento em que vivemos um processo acelerado de globalização e regionalização.

Hoje estudar o fluxo e o contrafluxo da informação e comunicação não é a mesma coisa que estudar o fluxo e o contrafluxo das décadas de 70 e 80. Ou seja, toda aquela polêmica que a NOMIC traz realmente para os pesquisadores de comunicação, como a defesa de um fluxo equilibrado e livre dos países do primeiro e terceiro mundo, desaparece com os processos de aceleração da globalização e regionalização dos anos 90. Então estou interessada em perceber como se dá essa relação entre o local, o nacional, o regional e global, que são quatro dimensões de fenômenos completamente diferentes e passam a ser vistos dentro da dinâmica do comércio internacional.

Quem é Anamaria Fadul

Por Jacqueline Rios

Na leitura de seus textos, em suas apresentações em seminários e congressos e no contato com Anamaria Fadul, temos a impressão de que se trata de uma pessoa culta, objetiva, atual e sensível ao mundo que a rodeia. Desde a época da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em 1967, consegue se manter numa posição de observadora ativa em seus estudos e reflexões, mesmo em momentos de conturbação política e social.

Sua vida é seu trabalho e seu trabalho é sua vida, o que a levou a combinar a intelectual, a profissional e a pessoa. Sempre frequentou livrarias, onde já comprava os livros de Sartre, Beauvoir e todos os existencialistas europeus difundidos no Brasil no final dos anos 50. Os seus contemporâneos da época não tinham muito interesse por este hábito, com exceção de uma colega de classe que lhe emprestava os livros da biblioteca do pai. Já começava a sonhar com os estudos em Paris.

Antes de concretizar esse sonho, foi fazer o curso Normal em Assis, Campinas. Com o clássico e o estudo de música na Universidade Católica, Anamaria Fadul e sua mãe viam uma forma de ter uma profissão, mas o pai discordava. Do clássico iria para a Faculdade de Direito, ou pelo menos era isso que ela queria. Já seu pai desejava o curso de economia. No consenso decidiu-se por Filosofia, um interesse despertado nas aulas do curso Clássico.

Em meados da década de 60, Anamaria adotou a posição de não-envolvimento e não-engajamento, mantendo a política de bom relacionamento com todos. Nos anos 80, intensifica sua participação em congressos, conferências, pesquisas e reivindicação de avanços na área de comunicação. Em 1986, publica o livro *Novas Tecnologias da Comunicação: impactos econômicos, políticos e sociais*. De 1990 a 1995 passa a se dedicar aos seus alunos de graduação e pós-graduação e às questões administrativas decorrentes desta prática, o que lhe exige mais tempo.

Decide então aposentar-se em 1996 do cargo público para ter mais tempo para organizar seus projetos profissionais e pessoais. Entra numa nova fase com a mesma intensidade de sentimentos que colocou em todas as suas realizações profissionais. Ao lado de sua capacidade intelectual está a sensibilidade humana em assumir um bebê, filho de sua fiel assistente doméstica. Começava uma revolução em sua vida de mulher solteira.

Anamaria tem uma personalidade forte, faz colocações de forma firme e clara. A firmeza pode até ser confundida com dureza, mas amenizada por um habitual sorriso simpático. A simpatia é percebida imediatamente pelas pessoas com as quais tem contato.

Consegue ser atenciosa até mesmo nos momentos conturbados de orientação aos seus alunos que a cercam, esperando pela oportunidade de expor e trocar idéias. Outra forte característica é o alto grau de interação

entre a Anamaria pesquisadora e a Anamaria mulher. Sua conversa flui naturalmente do campo intelectual para o cotidiano.

Adora cozinhar, mas quase não tem tempo para fazer todas as suas receitas. Fala dos ingredientes, do modo de fazer e das adaptações com a mesma paixão e entusiasmo que dedica às pesquisas.

Fonte: Márcia Perencin, *Biografia de uma pesquisadora das ciências da comunicação*, UESP/POSCOM, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, 1996.

Você sabe o que existe em comum entre Brasil e a Dinamarca?



A distância e o desconhecimento do que se produz em Comunicação no Brasil e na Dinamarca agora podem ser superados. *Temas Contemporâneos em Comunicação* contém os resultados do I Colóquio Brasil-Dinamarca, realizado pela Intercom, nos dias 2 e 3 de setembro de 1996, em Londrina, PR, para propiciar o conhecimento e o intercâmbio da produção científica e, na continuidade, empreender formas permanentes de cooperação em projetos comuns.

Pesquisadores brasileiros e dinamarqueses traduzem as expressões mais atualizadas do pensamento europeu e latino-americano acerca de temas e áreas que ocu-

pam o centro do campo da Comunicação, como metodologia da pesquisa, comunicação internacional, novas tecnologias, comunicação e educação, estudos culturais na comunicação, estudos de recepção.

Uma obra que acaba revelando muito do que existe em comum na pesquisa de Comunicação de dois países agora mais próximos: Brasil e Dinamarca.

Preço por exemplar: R\$ 22,00

Preencha já o cupom de pedido que se encontra no final da revista e envie acompanhado de cheque nominal para:

Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, n° 443 - Bloco B9 - Sala 2 - CEP 05508-900 - São Paulo - SP